

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA, COMPETÊNCIAS E GERAÇÃO DE VALOR: PROPOSIÇÃO DO MODELO INTEGRADO DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA (MIEE)

Ivan Douglas Alcântara Parente - Universidade Federal de São Paulo

Resumo

A Educação Empreendedora consolidou-se como um campo estratégico para o desenvolvimento de competências, inovação e geração de valor, mas sua literatura ainda permanece fragmentada. Em resposta a essa lacuna, este estudo propôs o Modelo Integrado da Educação Empreendedora (MIEE), uma estrutura conceitual que integra condições estruturantes, processos educacionais, resultados formativos e impactos ampliados em uma perspectiva sistêmica. O modelo evidencia que a efetividade da Educação Empreendedora não decorre de ações isoladas, mas da interação dinâmica entre instituições, práticas pedagógicas, competências empreendedoras e contexto socioeconômico. Além de ampliar a compreensão teórica do fenômeno, o MIEE oferece um referencial para o planejamento, a implementação e a avaliação de programas educacionais, bem como uma base para futuras investigações empíricas. Mais do que propor um novo modelo, este estudo convida a compreender a Educação Empreendedora como um processo contínuo de transformação capaz de formar indivíduos que inovam, geram valor e contribuem para sociedades mais sustentáveis, resilientes e empreendedoras.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Empreendedora, Competências Empreendedoras, Modelo Conceitual, Inovação, Geração de Valor.

Edição

Sistema revisado por pares

Recebido: 01/08/2026

Revisado: 13/09/2026

Aceito: 29/09/2026

Entrepreneurial Education, Competencies, and Value Creation: Proposal for the Integrated Entrepreneurial Education Model (MIEE)

Abstract

Entrepreneurship Education has become a strategic field for developing competencies, innovation, and value creation; however, its literature remains fragmented. Addressing this gap, this study proposes the Integrated Entrepreneurship Education Model (IEEM), a conceptual framework that integrates enabling conditions, educational processes, formative outcomes, and broader impacts within a systemic perspective. The model demonstrates that the effectiveness of Entrepreneurship Education emerges not from isolated initiatives but from the dynamic interaction among institutions, pedagogical practices, entrepreneurial competencies, and the socioeconomic context. Beyond advancing theoretical understanding, the IEEM provides a framework for designing, implementing, and evaluating Entrepreneurship Education programs, while offering a foundation for future empirical research. More than introducing a new model, this study advocates understanding Entrepreneurship Education as a continuous process of transformation that prepares individuals to innovate, create value, and contribute to more sustainable, resilient, and entrepreneurial societies.

KEYWORDS: Entrepreneurial Education, Entrepreneurial Competencies, Conceptual Model, Innovation, Value Creation.

INTRODUÇÃO

As transformações econômicas, tecnológicas e sociais das últimas décadas redefiniram as competências exigidas para atuação em contextos marcados por inovação, complexidade e rápidas mudanças. Nesse cenário, o desenvolvimento de competências empreendedoras deixou de estar restrito à criação de empresas e passou a constituir elemento estratégico para a formação de indivíduos capazes de identificar oportunidades, resolver problemas, inovar e gerar valor em diferentes contextos organizacionais e sociais.

Essa evolução também modificou a compreensão do empreendedorismo. Enquanto Schumpeter (1934) destacou o empreendedor como agente da inovação e Kirzner (1973) enfatizou sua capacidade de identificar oportunidades, estudos posteriores ampliaram essa perspectiva ao compreender o empreendedorismo como um processo de aprendizagem voltado ao desenvolvimento de competências, mentalidades e comportamentos aplicáveis à inovação organizacional, ao intraempreendedorismo e à transformação social (Kuratko, 2005; Rae, 2006; Sarasvathy, 2001; Neck & Greene, 2011; Fayolle, 2013; Morris et al., 2013; Nabi et al., 2017).

Nesse contexto, a Educação Empreendedora consolidou-se como um campo interdisciplinar situado na interface entre Administração, Educação, Empreendedorismo e Inovação. Inicialmente voltada à criação e gestão de novos negócios, passou a priorizar o desenvolvimento de criatividade, autonomia, pensamento crítico, aprendizagem experiencial e resolução de problemas por meio de metodologias ativas (Kolb, 1984; Pittaway & Cope, 2007; Neck & Greene, 2011). No Brasil, autores como Fillion, Dolabela, Hashimoto e Dornelas contribuíram para essa evolução ao defenderem o empreendedorismo como competência crescente ao longo da trajetória educacional, perspectiva também adotada pelo Sebrae em seu Programa Nacional de Educação Empreendedora (PNEE), alinhado à BNCC.

Apesar desse avanço, a literatura permanece fragmentada. Parte das pesquisas concentra-se na intenção empreendedora, outras privilegiam competências, metodologias de ensino, atuação docente, ecossistemas de inovação ou impactos socioeconômicos, sem integrar essas dimensões em um único modelo explicativo. Assim, embora os componentes da Educação Empreendedora sejam amplamente conhecidos, ainda são limitadas as explicações sobre como condições institucionais, processos educacionais, resultados formativos e impactos ampliados se articulam de forma sistêmica.

Diante dessa lacuna, este estudo busca responder à seguinte questão: como as condições institucionais, os processos educacionais e os ecossistemas de inovação se articulam para desenvolver competências, mentalidades e comportamentos empreendedores capazes de produzir impactos individuais, organizacionais, econômicos e sociais?

Para responder a essa questão, este ensaio teórico tem como objetivo propor o Modelo Integrado da Educação Empreendedora (MIEE), estruturado em quatro dimensões interdependentes: condições estruturantes, processos educacionais, resultados formativos e impactos ampliados. Ao integrar evidências da literatura nacional e internacional, o modelo oferece uma estrutura conceitual para compreender a Educação Empreendedora como um processo sistêmico, contribuindo para pesquisas futuras e para o planejamento, a implementação e a avaliação de programas educacionais voltados ao desenvolvimento de competências empreendedoras.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo caracteriza-se como um ensaio teórico, desenvolvido a partir de uma revisão integrativa da literatura, adotada para compreender, organizar e integrar criticamente as principais contribuições científicas sobre Educação Empreendedora. Esse delineamento metodológico fundamenta-se na identificação de convergências, lacunas e relações entre diferentes perspectivas teóricas, visando à proposição de um modelo conceitual integrador. Conforme Meneghetti (2011), o ensaio teórico privilegia o diálogo crítico entre referenciais conceituais, favorecendo novas interpretações e a construção de modelos explicativos.

A revisão integrativa foi escolhida por possibilitar a síntese e a integração de evidências provenientes de diferentes abordagens metodológicas. Segundo Torracco (2005) e Snyder (2019), esse método é adequado quando o objetivo consiste em reinterpretar conhecimentos dispersos e produzir novas proposições teóricas.

O corpus teórico foi constituído por estudos nacionais e internacionais considerados referenciais para a Educação Empreendedora, abrangendo pesquisas clássicas e contemporâneas sobre competências empreendedoras, aprendizagem experiencial, metodologias ativas, mentalidade empreendedora, atuação docente, ecossistemas de inovação, universidade empreendedora, empregabilidade, inovação e desenvolvimento econômico e social. Foram utilizados trabalhos de autores como Schumpeter, Kirzner, Kolb, Gartner, Sarasvathy, Rae, Kuratko, Neck e Greene, Fayolle, Morris et al., Nabi et al., Etzkowitz e Leydesdorff, Isenberg e Pittaway e Cope, além das contribuições brasileiras de Fillion, Dolabela, Hashimoto e Dornelas.

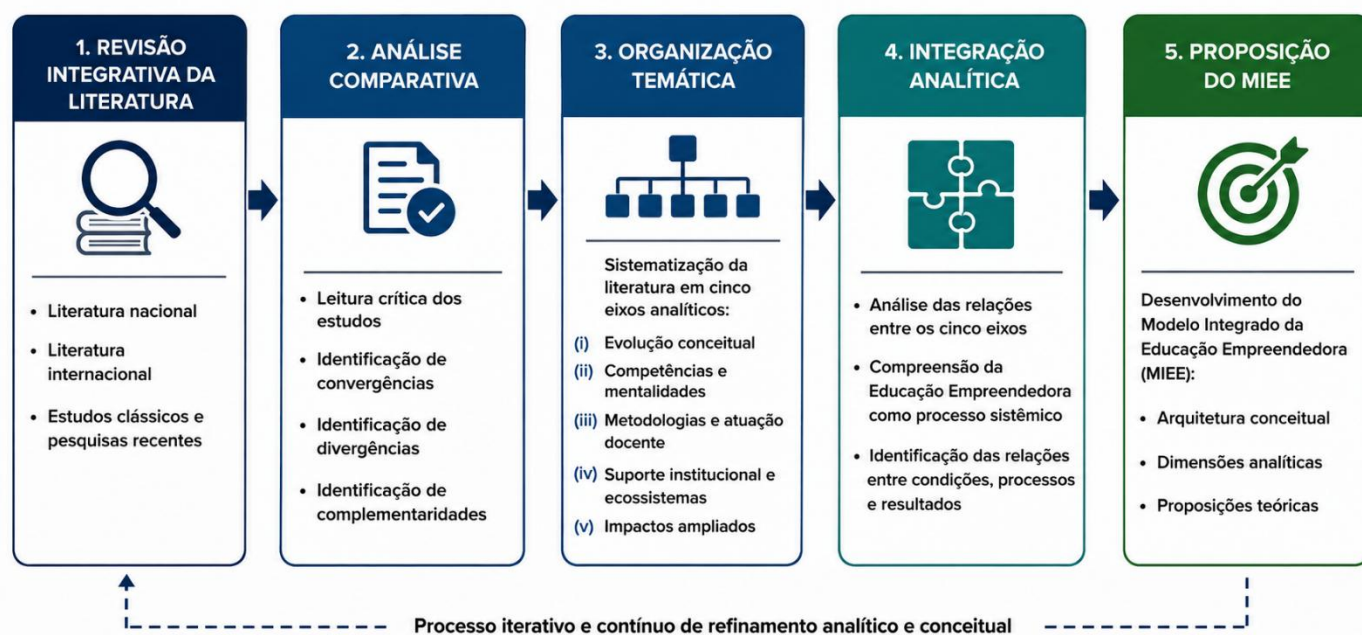
Documentos institucionais do Sebrae referentes ao Programa Nacional de Educação Empreendedora (PNEE) foram utilizados exclusivamente para contextualização da realidade brasileira.

A análise da literatura foi conduzida por meio de comparação iterativa entre os estudos, buscando identificar convergências, divergências e relações conceituais capazes de explicar a Educação Empreendedora de forma integrada. Os estudos foram organizados em cinco eixos:

- (i) *evolução conceitual da Educação Empreendedora;*
- (ii) *competências, mentalidades e comportamentos empreendedores;*
- (iii) *metodologias de ensino, aprendizagem experiencial e atuação docente;*
- (iv) *suporte institucional, universidade empreendedora e ecossistemas de inovação; e*
- (v) *contribuições para a inovação, empregabilidade e desenvolvimento econômico e social.*

A integração analítica desses eixos permitiu compreender a Educação Empreendedora como um fenômeno sistêmico, evidenciando as relações entre condições estruturantes, processos educacionais, resultados formativos e impactos ampliados. Esse percurso fundamentou a construção do Modelo Integrado da Educação Empreendedora (MIEE). A Figura 1 sintetiza o percurso metodológico adotado neste estudo, evidenciando as etapas que conduziram da revisão integrativa da literatura à proposição do MIEE.

Figura 1 - Percurso metodológico para a construção do Modelo Integrado da Educação Empreendedora (MIEE)



Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

O percurso metodológico permitiu integrar criticamente evidências da literatura nacional e internacional, culminando na proposição do MIEE como um referencial conceitual para compreender a Educação Empreendedora de forma sistêmica.

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: EVOLUÇÃO CONCEITUAL E BASES TEÓRICAS

Do empreendedorismo à Educação Empreendedora

A evolução da Educação Empreendedora acompanha as transformações do próprio conceito de empreendedorismo. Em sua concepção clássica, Schumpeter (1934) definiu o empreendedor como agente da inovação e da destruição criativa, enquanto Kirzner (1973) destacou sua capacidade de identificar oportunidades. A partir da década de 1980, Gartner (1988) deslocou o foco da figura do empreendedor para os processos de criação de valor, compreendendo o empreendedorismo como um fenômeno dinâmico, contextual e resultante das interações entre indivíduos, organizações e ambiente.

Essa mudança ampliou o escopo da Educação Empreendedora, que deixou de priorizar exclusivamente a criação de empresas para assumir uma perspectiva voltada ao desenvolvimento de competências aplicáveis a diferentes contextos profissionais e sociais. Segundo Kuratko (2005), esse movimento responde à necessidade de formar indivíduos capazes de reconhecer oportunidades, lidar com a incerteza e inovar. Nessa perspectiva, Neck e Greene (2011), fundamentadas na aprendizagem experiencial de Kolb (1984), defendem metodologias centradas na experimentação, reflexão e resolução de problemas reais. Complementarmente, Sarasvathy (2001), por meio da lógica da effectuation, demonstra que oportunidades são construídas progressivamente a partir dos recursos disponíveis e da aprendizagem contínua. Assim, a Educação Empreendedora consolida-se como um processo de desenvolvimento de competências, mentalidades e comportamentos empreendedores orientados à criação de valor.

Evidências internacionais e consolidação da Educação Empreendedora no Brasil

A literatura internacional consolidou a compreensão de que a efetividade da Educação Empreendedora vai além da criação de empresas ou da intenção empreendedora. Fayolle (2013) argumenta que seus resultados incluem o desenvolvimento de criatividade, autonomia, liderança, colaboração, resolução de problemas e geração de valor. Em revisão sistemática, Nabi et al. (2017) demonstram que seus impactos abrangem dimensões cognitivas, atitudinais, comportamentais, profissionais e sociais. Complementarmente, Rae (2006), Pittaway e Cope (2007) e Morris et al. evidenciam que essas capacidades são desenvolvidas por meio de experiências autênticas, aprendizagem colaborativa e reflexão sobre a prática, consolidando a Educação Empreendedora como um processo contínuo de desenvolvimento humano voltado à inovação e à adaptação.

No Brasil, essa evolução foi incorporada por diferentes autores. Fillion (1999; 2004) destacou o empreendedor como agente capaz de construir visões de futuro e mobilizar recursos para concretizá-las. Dolabela (2003; 2008), por meio da Pedagogia Empreendedora, enfatizou o protagonismo estudantil, a aprendizagem significativa e o desenvolvimento do potencial empreendedor ao longo da formação. Hashimoto (2013) ampliou essa perspectiva ao demonstrar a relevância das competências empreendedoras para processos de intraempreendedorismo e inovação organizacional, enquanto Dornelas (2021) reforçou o empreendedorismo como competência estratégica para indivíduos, organizações e sociedades em ambientes marcados pela transformação digital e pela competitividade.

Essa evolução também se reflete na atuação do Sebrae, que, por meio do Programa Nacional de Educação Empreendedora (PNEE), promove metodologias ativas, aprendizagem baseada em projetos, protagonismo estudantil e formação docente em diferentes níveis de ensino. Assim, a Educação Empreendedora consolida-se como uma estratégia de desenvolvimento humano, inovação e geração de valor.

A Figura 2 sintetiza essa evolução conceitual, evidenciando a incorporação progressiva de diferentes perspectivas teóricas que culminam na compreensão contemporânea da Educação Empreendedora e fundamentam a proposição do Modelo Integrado da Educação Empreendedora.

A análise da literatura evidencia que a Educação Empreendedora evoluiu de uma abordagem centrada na criação de empresas para um processo educacional voltado ao desenvolvimento de competências, mentalidades e comportamentos capazes de promover inovação, adaptação, geração de valor e desenvolvimento em diferentes contextos. Essa transformação consolida a Educação Empreendedora como elemento estratégico para a formação de indivíduos preparados para atuar em ambientes dinâmicos e complexos.

Apesar desse avanço, a literatura ainda analisa de forma fragmentada aspectos como competências empreendedoras, metodologias de ensino, aprendizagem experiencial, atuação docente, ecossistemas de inovação e impactos educacionais, oferecendo explicações limitadas sobre as relações entre essas dimensões.

Diante dessa lacuna, este estudo propõe o Modelo Integrado da Educação Empreendedora (MIEE), concebido como uma estrutura analítica capaz de integrar condições estruturantes, processos educacionais, resultados formativos e impactos ampliados em um único referencial conceitual. Ao reunir evidências da literatura nacional e internacional, o modelo oferece

uma compreensão sistêmica da Educação Empreendedora e estabelece as bases para a discussão das relações entre essas diferentes dimensões.

Figura 2 - Evolução conceitual da Educação Empreendedora e convergência teórica para o Modelo Integrado da Educação Empreendedora (MIEE)



Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

COMPETÊNCIAS, MENTALIDADES E COMPORTAMENTOS EMPREENDEDORES

Competências empreendedoras e aprendizagem experiencial

A evolução da Educação Empreendedora deslocou seu foco da criação de empresas para o desenvolvimento de competências, mentalidades e comportamentos empreendedores aplicáveis a diferentes contextos profissionais, organizacionais e sociais. Nessa perspectiva, o empreendedorismo passa a ser compreendido como uma competência transversal, relevante para empreendedores, intraempreendedores, gestores, pesquisadores e profissionais de diferentes setores (Fayolle, 2013; Nabi et al., 2017).

As competências empreendedoras correspondem ao conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes mobilizados para identificar oportunidades, resolver problemas, tomar decisões, mobilizar recursos e criar valor. Segundo Morris et al. (2013), essas competências são desenvolvidas ao longo da trajetória educacional e profissional, superando a visão de que o empreendedorismo depende exclusivamente de características inatas.

Seu desenvolvimento está diretamente relacionado à aprendizagem experiencial. Kolb (1984) demonstra que competências complexas são construídas pela integração entre experiência, reflexão, conceituação e experimentação,

perspectiva incorporada por Neck e Greene (2011), que defendem metodologias centradas na ação e na resolução de desafios reais.

No contexto brasileiro, Dolabela (2003; 2008) destaca o protagonismo estudantil e a aprendizagem significativa como fundamentos da Pedagogia Empreendedora. Fillion (1999; 2004) enfatiza a construção de visões de futuro e a mobilização de recursos, enquanto Hashimoto (2013) evidencia a importância dessas competências para processos de intraempreendedorismo e inovação organizacional. Em conjunto, essas contribuições demonstram que a Educação Empreendedora constitui um processo contínuo de formação de capacidades voltadas à inovação, adaptação e geração de valor.

Mentalidade e comportamentos empreendedores

Além do desenvolvimento de competências, a literatura destaca a mentalidade empreendedora (entrepreneurial mindset) como elemento essencial para a formação empreendedora. Enquanto as competências representam conhecimentos, habilidades e atitudes, a mentalidade corresponde aos modelos cognitivos que orientam a percepção de oportunidades, a interpretação de desafios e a tomada de decisões. Rae (2006) argumenta que essa mentalidade é construída por meio das experiências de aprendizagem e das interações sociais, sendo fortalecida pela reflexão crítica. Em perspectiva convergente, Sarasvathy (2001), ao propor a lógica da effectuation, demonstra que oportunidades são construídas progressivamente por meio da experimentação, da adaptação e do uso dos recursos disponíveis, reforçando a necessidade de preparar indivíduos para atuar em ambientes marcados pela incerteza e pela mudança.

Os comportamentos empreendedores representam a expressão prática desse processo formativo. Segundo Nabi et al. (2017) e Morris et al. (2013), iniciativa, criatividade, persistência, colaboração, liderança, experimentação, aprendizagem com os erros e geração de soluções inovadoras constituem manifestações da capacidade empreendedora desenvolvida ao longo da formação.

Sob essa perspectiva, competências, mentalidade e comportamentos são dimensões interdependentes. As competências fornecem os recursos para a ação, a mentalidade orienta sua mobilização e os comportamentos materializam essas capacidades na resolução de problemas, na inovação e na geração de valor. Assim, a efetividade da Educação Empreendedora deve ser compreendida por sua capacidade de promover mudanças duradouras na forma de pensar e agir dos indivíduos, preparando-os para atuar em contextos caracterizados pela complexidade, pela inovação e pela transformação contínua.

A Figura 3 sintetiza a relação dinâmica entre competências, mentalidade e comportamentos empreendedores, evidenciando como essas dimensões se articulam para transformar experiências de aprendizagem em capacidades voltadas à inovação e à geração de valor.

Figura 3: Relação entre competências, mentalidade e comportamentos empreendedores



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Kolb (1984), Sarasvathy (2001), Rae (2006), Neck e Greene (2011), Morris et al. (2013) e Nabi et al. (2017)

Essa integração evidencia que a Educação Empreendedora produz resultados que vão além da aquisição de conhecimentos, favorecendo o desenvolvimento de capacidades empreendedoras aplicáveis a diferentes contextos profissionais, organizacionais e sociais.

Síntese teórica e implicações para o MIEE

No contexto brasileiro, o Sebrae, por meio do Programa Nacional de Educação Empreendedora (PNEE), reforça a Educação Empreendedora como um processo voltado ao desenvolvimento de competências, protagonismo, criatividade e pensamento crítico, utilizando metodologias ativas e aprendizagem baseada em projetos para ampliar seus impactos além da criação de novos negócios.

A integração entre a literatura internacional, a produção científica brasileira e as práticas institucionais demonstram que competências, mentalidade e comportamentos empreendedores constituem dimensões interdependentes de um mesmo processo formativo, convertendo experiências de aprendizagem em capacidades voltadas à inovação, à geração de valor e ao desenvolvimento. Essa síntese fundamenta uma das premissas centrais do Modelo Integrado da Educação Empreendedora (MIEE): a efetividade da Educação Empreendedora depende da articulação entre processos educacionais capazes de promover o desenvolvimento integrado dessas dimensões.

METODOLOGIAS DE ENSINO, ATUAÇÃO DOCENTE E SUPORTE INSTITUCIONAL

Compreender como a Educação Empreendedora desenvolve competências, mentalidades e comportamentos empreendedores exige analisar os mecanismos que sustentam esse processo. A literatura demonstra que esses resultados decorrem da interação entre metodologias de ensino, atuação docente, suporte institucional e ecossistemas de inovação, e não apenas da oferta de conteúdos sobre empreendedorismo (Neck & Greene, 2011; Fayolle, 2013).

Nesse contexto, as metodologias ativas assumem papel central ao promover aprendizagem baseada na experimentação, resolução de problemas, colaboração e reflexão crítica. Fundamentadas na aprendizagem experiencial de Kolb (1984), abordagens como Project-Based Learning (PBL), aprendizagem baseada em problemas, design thinking, hackathons, incubadoras universitárias e empresas juniores aproximam os estudantes de desafios reais e favorecem o desenvolvimento de criatividade, liderança, pensamento crítico e capacidade de adaptação (Pittaway & Cope, 2007; Neck & Greene, 2011; Nabi et al., 2017). Complementarmente, a lógica da effectuation proposta por Sarasvathy (2001) reforça que a aprendizagem empreendedora ocorre por meio da experimentação, da adaptação e da construção progressiva de oportunidades.

Entretanto, metodologias inovadoras, isoladamente, não garantem melhores resultados. A efetividade da Educação Empreendedora depende da atuação docente como mediadora da aprendizagem e facilitadora de experiências significativas. Essa perspectiva exige competências relacionadas à integração entre teoria e prática, ao estímulo da criatividade e à condução de processos colaborativos. No contexto brasileiro, Dolabela (2003; 2008) destaca o protagonismo estudantil como elemento central da formação empreendedora, enquanto Hashimoto (2006) evidencia a importância do docente na promoção da inovação e da aprendizagem baseada em problemas reais.

Além das metodologias e da atuação docente, o suporte institucional constitui condição essencial para a efetividade da Educação Empreendedora. Os conceitos de Universidade Empreendedora (Etzkowitz & Leydesdorff, 2000) e Ecossistemas Empreendedores (Isenberg, 2011) demonstram que instituições de ensino, empresas, governos e sociedade civil atuam de forma integrada na promoção da inovação e do desenvolvimento regional. No Brasil, essa perspectiva é fortalecida por iniciativas como o Programa Nacional de Educação Empreendedora (PNEE), do Sebrae, que integra metodologias ativas, formação docente e aproximação com demandas sociais e econômicas.

A Figura 4 sintetiza os quatro mecanismos identificados na literatura como condições estruturantes para a efetividade da Educação Empreendedora, evidenciando sua atuação integrada no desenvolvimento de competências, mentalidade e comportamentos empreendedores.

Figura 4: Condições estruturantes para a efetividade da Educação Empreendedora

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Kolb (1984), Sarasvathy (2001), Neck e Greene (2011), Fayolle (2013), Etzkowitz e Leydesdorff (2000), Isenberg (2011), Nabi et al. (2017), Dolabela (2003; 2008) e Hashimoto (2006)

A literatura converge ao indicar que a efetividade da Educação Empreendedora resulta da interação entre quatro mecanismos complementares:

- (i) metodologias ativas;
- (ii) atuação docente;
- (iii) suporte institucional; e
- (iv) articulação com ecossistemas de inovação.

A Figura 4 sintetiza essas condições estruturantes, que fundamentam uma das dimensões centrais do Modelo Integrado da Educação Empreendedora (MIEE) e evidenciam que a formação empreendedora depende da qualidade das interações entre estudantes, docentes, instituições e ambiente externo, estabelecendo as bases para a discussão dos impactos da Educação Empreendedora sobre inovação, geração de valor e desenvolvimento econômico e social.

A integração entre metodologias ativas, atuação docente, suporte institucional e ecossistemas de inovação evidencia que a efetividade da Educação Empreendedora depende da articulação entre esses mecanismos, e não da oferta isolada de conteúdos sobre empreendedorismo.

DA FORMAÇÃO EMPREENDEDORA À GERAÇÃO DE VALOR

Educação, inovação e empregabilidade

A Educação Empreendedora ampliou significativamente a compreensão de seus resultados, que passaram a abranger não apenas a criação de empresas, mas também a inovação, a empregabilidade, o intraempreendedorismo, o desenvolvimento regional e a geração de valor. Essa evolução acompanha a transformação do conceito de empreendedorismo, inicialmente associado por Schumpeter (1934) à inovação como motor do desenvolvimento econômico e, posteriormente, ampliado para diferentes contextos organizacionais e sociais.

Ao desenvolver criatividade, pensamento crítico, resolução de problemas, colaboração e aprendizagem contínua, a Educação Empreendedora fortalece a capacidade dos indivíduos de identificar oportunidades, inovar e adaptar-se às mudanças. Fayolle (2013) e Nabi et al. (2017) destacam que sua principal contribuição está na formação de capacidades duradouras, aplicáveis ao longo da trajetória profissional e não apenas na criação de novos negócios.

Em contextos marcados pela transformação tecnológica e pela crescente complexidade organizacional, competências como autonomia, adaptabilidade, liderança e colaboração tornam-se diferenciais estratégicos. Assim, a formação empreendedora contribui para preparar profissionais capazes de gerar valor, inovar e atuar em diferentes setores.

Ecossistemas de inovação e geração de valor

A literatura demonstra que os impactos da Educação Empreendedora são potencializados quando inseridos em ambientes institucionais favoráveis à inovação. O modelo da Hélice Tríplice (Etzkowitz & Leydesdorff, 2000) evidencia a atuação integrada de universidades, empresas e governos na produção e difusão do conhecimento, enquanto Isenberg (2011) destaca que ecossistemas empreendedores articulam educação, políticas públicas, financiamento, infraestrutura e redes de colaboração para transformar competências em iniciativas inovadoras.

Nesse contexto, a Educação Empreendedora deixa de se restringir às instituições de ensino e passa a integrar sistemas de inovação que envolvem universidades, escolas, incubadoras, parques tecnológicos, aceleradoras e organizações de apoio ao empreendedorismo. No Brasil, iniciativas como o Programa Nacional de Educação Empreendedora (PNEE), do Sebrae, reforçam essa perspectiva ao integrar metodologias ativas, formação docente e aproximação com demandas sociais e econômicas.

Entretanto, seus impactos não devem ser compreendidos de forma determinística. Conforme Audretsch (2007) e Isenberg (2011), inovação e desenvolvimento dependem da interação entre fatores institucionais, culturais, econômicos e políticos. Assim, a Educação Empreendedora gera valor em múltiplos níveis: fortalece competências e empregabilidade no plano individual, impulsiona inovação e melhoria contínua nas organizações e contribui para o desenvolvimento regional, a geração de oportunidades e a transformação social.

Síntese teórica e transição para o MIEE

A literatura evidencia que os impactos da Educação Empreendedora resultam da interação entre condições estruturantes, processos educacionais e resultados formativos, produzindo efeitos que vão além da criação de empresas e alcançam a inovação, a geração de valor e o desenvolvimento econômico e social. Apesar desse avanço, essas dimensões permanecem frequentemente analisadas de forma fragmentada.

PROPOSIÇÃO DO MODELO INTEGRADO DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA (MIEE)

Síntese Integrativa da Literatura e Justificativa para a Proposição do Modelo

Autores como Schumpeter, Kirzner e Gartner ampliaram a compreensão do empreendedorismo como inovação, identificação de oportunidades e criação de valor, enquanto estudos posteriores demonstraram que a aprendizagem empreendedora envolve competências cognitivas, comportamentais e socioemocionais desenvolvidas por meio de experiências educacionais. No Brasil, Filion, Dolabela, Hashimoto e Dornelas reforçaram essa perspectiva, posteriormente incorporada por iniciativas como o Programa Nacional de Educação Empreendedora (PNEE), do Sebrae.

Apesar desse avanço, a revisão integrativa evidencia que a literatura permanece fragmentada. Diferentes estudos analisam separadamente competências empreendedoras, mentalidade empreendedora, metodologias ativas, atuação docente, ecossistemas de inovação e impactos da Educação Empreendedora. Embora essas abordagens tenham produzido contribuições relevantes, oferecem explicações parciais sobre como essas dimensões se relacionam e produzem resultados de forma integrada.

Essa fragmentação revela uma importante lacuna teórica. Os estudos existentes explicam satisfatoriamente aspectos específicos da Educação Empreendedora como competências, metodologias ou impactos, mas ainda carecem de um modelo conceitual capaz de integrar essas dimensões em uma estrutura explicativa única. Além disso, a efetividade da Educação Empreendedora depende da interação entre fatores institucionais, práticas pedagógicas, atuação docente, experiências de aprendizagem e contexto socioeconômico, não havendo uma relação linear entre participação em programas educacionais e resultados como inovação ou criação de empresas.

Diante dessa lacuna, este estudo propõe compreender a Educação Empreendedora como um sistema integrado, no qual condições estruturantes, processos educacionais, resultados formativos e impactos ampliados estabelecem relações de

interdependência e retroalimentação. Nessa perspectiva, competências, mentalidades, comportamentos, metodologias, instituições e ecossistemas de inovação deixam de ser categorias isoladas e passam a constituir componentes de um mesmo sistema explicativo.

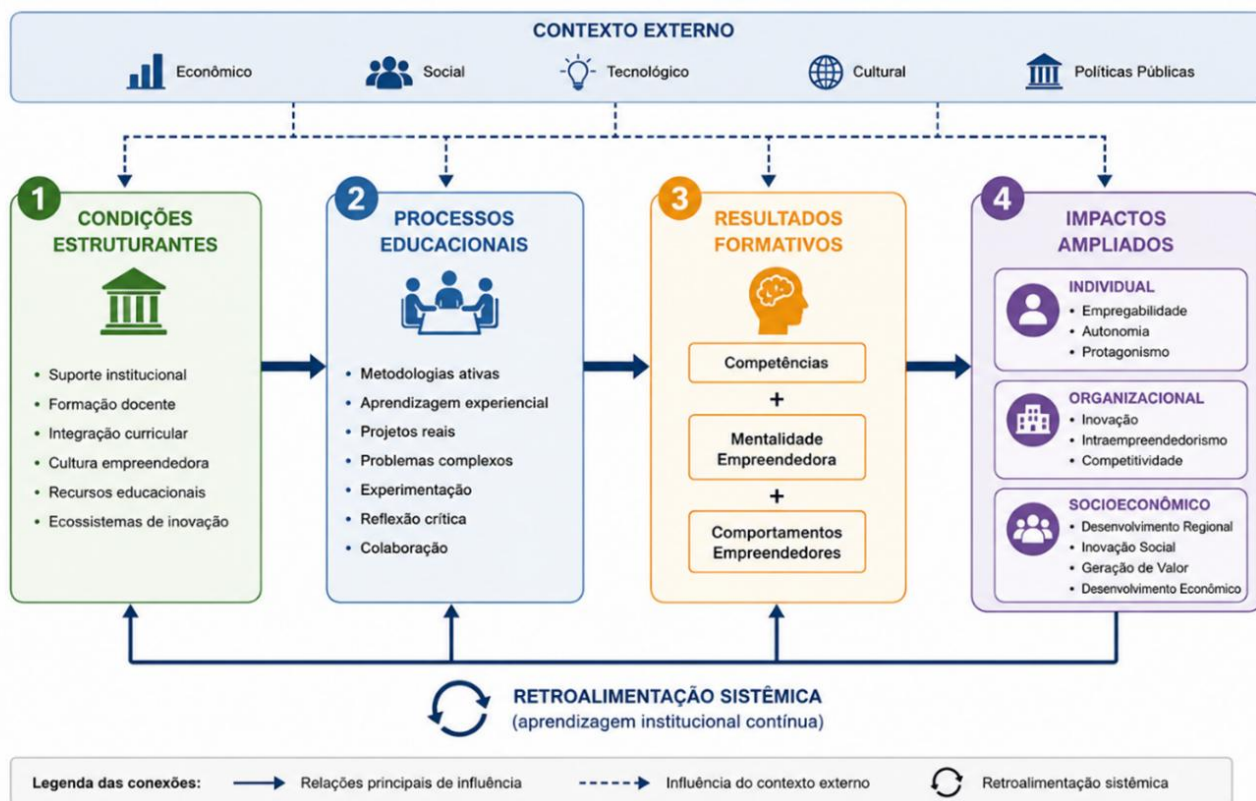
Assim, o Modelo Integrado da Educação Empreendedora (MIEE) representa a principal contribuição deste estudo. Em vez de propor novos conceitos, o modelo organiza e integra conhecimentos já consolidados na literatura nacional e internacional, oferecendo uma estrutura analítica capaz de explicar como diferentes dimensões da Educação Empreendedora se articulam para favorecer o desenvolvimento de competências empreendedoras, a inovação, a geração de valor e o desenvolvimento econômico e social.

Framework do Modelo Integrado da Educação Empreendedora (MIEE)

A partir da integração das evidências identificadas na literatura, propõe-se o Framework do Modelo Integrado da Educação Empreendedora (MIEE), apresentado na Figura 5. O modelo sintetiza, de forma sistêmica, como diferentes elementos da Educação Empreendedora se articulam para transformar experiências educacionais em inovação.

Diferentemente de modelos lineares, o MIEE parte do pressuposto de que os resultados da Educação Empreendedora emergem da interação contínua entre condições estruturantes, processos educacionais, resultados formativos e impactos ampliados. Assim, a formação empreendedora não produz diretamente empreendedores ou empresas, mas desenvolve competências, mentalidade e comportamentos capazes de gerar valor em diferentes contextos.

Figura 5: Framework do Modelo Integrado da Educação Empreendedora (MIEE)



Fonte: Elaborado pelo autor, com base na literatura analisada

O framework organiza a Educação Empreendedora em quatro dimensões interdependentes. As condições estruturantes reúnem fatores institucionais, recursos educacionais, formação docente, integração curricular e ecossistemas de inovação que tornam possível a aprendizagem empreendedora. Esses elementos sustentam os processos educacionais, desenvolvidos por meio de metodologias ativas, aprendizagem experiencial, projetos reais, experimentação, reflexão crítica e colaboração.

Como consequência desses processos, emergem os resultados formativos, representados pelo desenvolvimento integrado de competências, mentalidade e comportamentos empreendedores. Essas capacidades, quando mobilizadas em

diferentes contextos, produzem impactos ampliados nos níveis individual, organizacional e socioeconômico, contribuindo para empregabilidade, inovação, intraempreendedorismo, desenvolvimento regional e geração de valor.

Um diferencial do MIEE é a incorporação da retroalimentação sistêmica. Os impactos gerados retornam continuamente ao sistema, fortalecendo instituições, aperfeiçoando práticas pedagógicas, ampliando redes de colaboração e estimulando novas políticas e iniciativas de Educação Empreendedora. Além disso, todas as dimensões são influenciadas pelo contexto externo, incluindo fatores econômicos, sociais, tecnológicos, culturais e políticas públicas, que condicionam tanto os processos educacionais quanto as oportunidades de aplicação das capacidades desenvolvidas.

Dessa forma, o MIEE propõe uma compreensão sistêmica da Educação Empreendedora, integrando dimensões frequentemente analisadas de forma isolada na literatura. Ao organizar essas relações em um único referencial conceitual, o modelo amplia a compreensão sistêmica da Educação Empreendedora e oferece uma base para pesquisas futuras, bem como para o planejamento, a implementação e a avaliação de programas voltados ao desenvolvimento da cultura empreendedora.

Relações Estruturantes do Modelo Integrado da Educação Empreendedora (MIEE)

O Modelo Integrado da Educação Empreendedora (MIEE) propõe que os resultados da Educação Empreendedora decorrem da interação entre suas quatro dimensões, formando um sistema dinâmico de aprendizagem, inovação e geração de valor. Diferentemente de abordagens lineares, o modelo compreende que competências empreendedoras são produzidas pela combinação entre condições institucionais, processos educacionais e contexto de aplicação, sendo continuamente influenciadas por mecanismos de retroalimentação.

As relações propostas pelo MIEE sintetizam a lógica explicativa do modelo e evidenciam como fatores institucionais favorecem experiências de aprendizagem, que, por sua vez, promovem resultados formativos capazes de gerar impactos individuais, organizacionais e socioeconômicos. Esses impactos fortalecem continuamente o próprio sistema, estimulando novas práticas pedagógicas, parcerias e ambientes de inovação.

O Quadro 1 apresenta, de forma sintética, as quatro relações estruturantes que fundamentam o modelo.

Quadro 1: Relações estruturantes do Modelo Integrado da Educação Empreendedora (MIEE)

Relação	Síntese
R1 – Condições Estruturantes → Processos Educacionais	Suporte institucional, formação docente, currículo e ecossistemas de inovação criam condições para experiências de aprendizagem empreendedora.
R2 – Processos Educacionais → Resultados Formativos	Metodologias ativas e aprendizagem experiencial desenvolvem competências, mentalidade e comportamentos empreendedores.
R3 – Resultados Formativos → Impactos Ampliados	As capacidades desenvolvidas favorecem inovação, empregabilidade, intraempreendedorismo e geração de valor, condicionadas ao contexto institucional e socioeconômico.
R4 – Retroalimentação Sistêmica	Os impactos produzidos fortalecem instituições, aperfeiçoam práticas educacionais e ampliam ecossistemas de inovação, alimentando continuamente o sistema.

Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

Proposições Teóricas do Modelo Integrado da Educação Empreendedora (MIEE)

O Modelo Integrado da Educação Empreendedora (MIEE) organiza relações amplamente discutidas na literatura em uma estrutura conceitual única. Para ampliar seu potencial científico, essas relações são apresentadas como proposições teóricas passíveis de investigação empírica. As proposições não possuem caráter determinístico, representam inferências derivadas da integração da literatura nacional e internacional e podem ser testadas, refinadas ou ampliadas em diferentes contextos educacionais, organizacionais e institucionais. O Quadro 2 sintetiza as proposições que estruturam a lógica explicativa do modelo.

Quadro 2: Proposições teóricas do Modelo Integrado da Educação Empreendedora (MIEE)

Proposição	Síntese
P1	Melhores condições estruturantes favorecem processos educacionais de maior qualidade.
P2	Metodologias ativas e aprendizagem experiencial potencializam o desenvolvimento de competências empreendedoras.
P3	A atuação docente medeia a relação entre processos educacionais e competências empreendedoras.
P4	O desenvolvimento de competências favorece a formação da mentalidade empreendedora.
P5	A mentalidade empreendedora influencia positivamente os comportamentos empreendedores.
P6	Competências, mentalidade e comportamentos, quando integrados, ampliam a inovação e a geração de valor.
P7	Os impactos da Educação Empreendedora manifestam-se nos níveis individual, organizacional e socioeconômico.
P8	Os impactos são condicionados pelo contexto institucional, econômico, social, tecnológico e cultural.
P9	A integração entre instituições de ensino e ecossistemas empreendedores potencializa os resultados da Educação Empreendedora.
P10	Os impactos produzidos retroalimentam continuamente as condições estruturantes e os processos educacionais.

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Em conjunto, essas proposições conferem ao MIEE potencial explicativo, oferecendo proposições teóricas que podem ser operacionalizadas em pesquisas qualitativas, quantitativas ou de métodos mistos. Dessa forma, o modelo fornece uma base para sua validação empírica e para o aperfeiçoamento de programas de Educação Empreendedora em diferentes contextos.

Contribuições para a teoria

A principal contribuição deste estudo consiste na proposição do Modelo Integrado da Educação Empreendedora (MIEE), que organiza, em uma estrutura conceitual única, dimensões tradicionalmente investigadas de forma isolada. O modelo amplia a compreensão da Educação Empreendedora ao integrar condições estruturantes, processos educacionais, resultados formativos e impactos ampliados, oferecendo uma perspectiva sistêmica do fenômeno. Além de aproximar diferentes correntes teóricas, o MIEE supera interpretações lineares entre ensino e empreendedorismo e fornece um referencial analítico capaz de orientar pesquisas futuras e contribuir para o aprimoramento da teoria sobre Educação Empreendedora.

Implicações para a prática

Além da contribuição teórica, o Modelo Integrado da Educação Empreendedora (MIEE) oferece implicações para diferentes atores envolvidos na Educação Empreendedora. Para as instituições de ensino, fornece um referencial para o planejamento curricular, formação docente e fortalecimento da cultura empreendedora. Para os docentes, destaca a importância das metodologias ativas e da aprendizagem experiencial na promoção de competências, criatividade e protagonismo estudantil. Para organizações de apoio ao empreendedorismo, como o Sebrae, o modelo pode orientar o

planejamento, o monitoramento e a avaliação de programas educacionais. Já para os formuladores de políticas públicas, reforça a necessidade de integrar educação, inovação e ecossistemas empreendedores em estratégias de longo prazo. Por fim, para estudantes e profissionais, evidencia que a Educação Empreendedora desenvolve capacidades aplicáveis a diferentes trajetórias, contribuindo para a inovação, a adaptação e a geração de valor em distintos contextos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Empreendedora consolidou-se como um campo estratégico para o desenvolvimento de competências, inovação e geração de valor. Entretanto, a literatura ainda trata, em grande parte, de forma fragmentada dimensões como competências empreendedoras, metodologias ativas, aprendizagem experiencial, atuação docente, ecossistemas de inovação e impactos socioeconômicos, dificultando uma compreensão sistêmica do fenômeno.

Diante dessa lacuna, este estudo buscou compreender como condições estruturantes, processos educacionais e ecossistemas de inovação se articulam para desenvolver competências, mentalidades e comportamentos empreendedores capazes de produzir impactos individuais, organizacionais e socioeconômicos. A revisão integrativa da literatura permitiu identificar que a efetividade da Educação Empreendedora resulta da interação dinâmica entre fatores institucionais, práticas pedagógicas, experiências de aprendizagem e contexto de aplicação das capacidades desenvolvidas.

Como principal contribuição, foi proposto o Modelo Integrado da Educação Empreendedora (MIEE), estruturado em quatro dimensões interdependentes, condições estruturantes, processos educacionais, resultados formativos e impactos ampliados, conectadas por relações sistêmicas e mecanismos de retroalimentação. O modelo amplia a compreensão da Educação Empreendedora ao integrar conhecimentos anteriormente tratados de forma isolada e oferecer um referencial analítico para explicar como a formação empreendedora produz inovação, geração de valor e desenvolvimento econômico e social.

Além da contribuição teórica, o MIEE apresenta potencial para apoiar instituições de ensino, docentes, organizações de apoio ao empreendedorismo e formuladores de políticas públicas no planejamento, implementação e avaliação de programas de Educação Empreendedora. As proposições teóricas apresentadas também oferecem uma base para futuras pesquisas voltadas à validação empírica do modelo em diferentes níveis de ensino e contextos institucionais.

Como limitação, destaca-se a natureza conceitual do estudo, uma vez que o modelo foi desenvolvido a partir da integração crítica da literatura e ainda necessita de validação empírica. Essa característica, contudo, representa uma oportunidade para o avanço da pesquisa na área e para o refinamento do MIEE em diferentes realidades educacionais.

Conclui-se que a principal contribuição deste estudo não reside apenas na proposição de um novo modelo conceitual, mas na defesa de uma compreensão sistêmica da Educação Empreendedora. Ao evidenciar que a formação empreendedora resulta da interação entre instituições, processos educacionais, capacidades individuais e contexto socioeconômico, o MIEE amplia o debate científico e oferece um referencial capaz de orientar pesquisas, fortalecer práticas educacionais e contribuir para a formação de indivíduos preparados para inovar, gerar valor e responder aos desafios de uma sociedade em constante transformação.

REFERÊNCIAS

- AUDRETSCH, David B. *The entrepreneurial society*. New York: Oxford University Press, 2007. DOI: 10.1093/acprof:oso/9780195183504.001.0001.
- DI PAOLA, Nicola; MEGLIO, Olimpia; VONA, Roberto. Entrepreneurship education in entrepreneurship laboratories: an experiential learning approach. *The International Journal of Management Education*, v. 21, n. 3, 2023.
- DOLABELA, Fernando. *O segredo de Luísa: uma ideia, uma paixão e um plano de negócios: como nasce o empreendedor e se cria uma empresa*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.
- DOLABELA, Fernando. *Oficina do empreendedor*. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.
- DORNELAS, José. *Empreendedorismo: transformando ideias em negócios*. 8. ed. São Paulo: Empreende Editora, 2021.
- ETZKOWITZ, Henry; LEYDESDORFF, Loet. The dynamics of innovation: from National Systems and “Mode 2” to a Triple Helix of university–industry–government relations. *Research Policy*, v. 29, n. 2, p. 109–123, 2000. DOI: 10.1016/S0048-7333(99)00055-4.

FAYOLLE, Alain. Personal views on the future of entrepreneurship education. *Entrepreneurship & Regional Development*, v. 25, n. 7-8, p. 692-701, 2013. DOI: 10.1080/08985626.2013.821318.

GARTNER, William B. "Who is an entrepreneur?" is the wrong question. *American Journal of Small Business*, v. 12, n. 4, p. 11-32, 1988. DOI: 10.1177/104225878801200401.

GIBB, Allan A. In pursuit of a new "enterprise" and "entrepreneurship" paradigm for learning: creative destruction, new values, new ways of doing things and new combinations of knowledge. *International Journal of Management Reviews*, v. 4, n. 3, p. 233-269, 2002.

HASHIMOTO, Marcos. Espírito empreendedor nas organizações: aumentando a competitividade através do intraempreendedorismo. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

KIRZNER, Israel M. *Competition and entrepreneurship*. Chicago: University of Chicago Press, 1973.

KOLB, David A. *Experiential learning: experience as the source of learning and development*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1984.

KURATKO, Donald F. The emergence of entrepreneurship education: development, trends, and challenges. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 29, n. 5, p. 577-598, 2005. DOI: 10.1111/j.1540-6520.2005.00099.x.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um ensaio-teórico? *Revista de Administração Contemporânea*, v. 15, n. 2, p. 320-332, 2011. DOI: 10.1590/S1415-6552011000200010.

MORRIS, Michael H.; WEBB, Justin W.; FU, Jun; SINGHAL, Sujata. A competency-based perspective on entrepreneurship education: conceptual and empirical insights. *Journal of Small Business Management*, v. 51, n. 3, p. 352-369, 2013. DOI: 10.1111/jsbm.12023.

NABI, Ghulam; LIÑÁN, Francisco; FAYOLLE, Alain; KRUEGER, Norris; WALMSLEY, Andreas. The impact of entrepreneurship education in higher education: a systematic review and research agenda. *Academy of Management Learning & Education*, v. 16, n. 2, p. 277-299, 2017.

NECK, Heidi M.; GREENE, Patricia G. Entrepreneurship education: known worlds and new frontiers. *Journal of Small Business Management*, v. 49, n. 1, p. 55-70, 2011. DOI: 10.1111/j.1540-627X.2010.00314.x.

PITTAWAY, Luke; COPE, Jason. Simulating entrepreneurial learning: integrating experiential and collaborative approaches to learning. *Management Learning*, v. 38, n. 2, p. 211-233, 2007.

RAE, David. Entrepreneurial learning: a conceptual framework for technology-based enterprise. *Technology Analysis & Strategic Management*, v. 18, n. 1, p. 39-56, 2006. DOI: 10.1080/09537320500520494.

SARASVATHY, Saras D. Causation and effectuation: toward a theoretical shift from economic inevitability to entrepreneurial contingency. *Academy of Management Review*, v. 26, n. 2, p. 243-263, 2001. DOI: 10.5465/AMR.2001.4378020.

SCHUMPETER, Joseph A. *The theory of economic development: an inquiry into profits, capital, credit, interest, and the business cycle*. Cambridge: Harvard University Press, 1934.

SNYDER, Hannah. Literature review as a research methodology: an overview and guidelines. *Journal of Business Research*, v. 104, p. 333-339, 2019. DOI: 10.1016/j.jbusres.2019.07.039.

TORRACO, Richard J. Writing integrative literature reviews: guidelines and examples. *Human Resource Development Review*, v. 4, n. 3, p. 356-367, 2005. DOI: 10.1177/1534484305278283.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS - SEBRAE. Programa Nacional da Educação Empreendedora - PNEE. Brasília, DF: Sebrae, 2022. Atualizado em 14 set. 2022. Acesso em: 31 jul. 2026.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS - SEBRAE. Educação Empreendedora: desenvolvimento para escolas, professores e estudantes. Brasília, DF: Sebrae, [s.d.]. Acesso em: 31 jul. 2026.